

#206

Portas Abertas – *Rising Stars*
O colecionismo no tempo de Calouste
Economia circular nas cidades

 **FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN**

fevereiro





RETRATO DE MADAME CLAUDE MONET, PIERRE-AUGUSTE RENOIR, 1874 © MCG

6

O colecionismo no tempo de Calouste

Depois de apresentada a biografia que mostra as muitas facetas da vida e da personalidade de Calouste Gulbenkian, o programa de comemorações dos 150 anos do seu nascimento prossegue com uma conferência internacional sobre o significado de colecionar arte na primeira metade do séc. XX. *Collecting: modus operandi, 1900-1950* procurará ir além dos episódios biográficos de Calouste colecionador e considerá-lo à luz de um contexto mais alargado. A conferência realiza-se nos dias **15 e 16 de fevereiro** e conta com a participação de vários especialistas nacionais e internacionais.

8

Economia circular nas cidades

Uma alimentação saudável nunca será possível com a atual produção linear de alimentos é o que revela um estudo da Fundação Ellen MacArthur, que propõe um sistema alimentar circular e regenerativo para as cidades. O estudo destaca os enormes danos ambientais causados pela produção de alimentos, atualmente responsável por quase um quarto das emissões globais de gases de efeito estufa.

Apresentado no Fórum de Davos, a 24 de janeiro, o relatório contou com o apoio da Fundação Gulbenkian, entre outros parceiros.

14

Portas Abertas *Rising Stars*

Os *Rising Stars* regressam a **10 de fevereiro** num dia cheio de atividades de entrada gratuita, com destaque para os cinco recitais dos jovens músicos distinguidos pela ECHO – European Concert Hall Organisation, uma rede que reúne algumas das mais prestigiadas salas de concertos da Europa, entre elas a Fundação Gulbenkian. Escolhidos pela sua excelência musical e virtuosismo, os intérpretes apresentam um repertório à sua escolha e uma nova obra encomendada especificamente para esta edição. Peter Moore, Anaïs Gaudemard e Josep-Ramon Olivé são algumas das jovens estrelas em ascensão que vai poder ouvir neste dia.



RISING STARS © CLAUDIA HÖHNE

Notícias

- 4 Uma personalidade "maior que a vida"
- 6 O colecionismo no tempo de Calouste
- 8 Rumo a uma economia circular nas cidades
- 10 Apoio à Matemática nos PALOP
- 11 IGC com novo programa de pós-doutoramento
- 12 Porque é que os animais têm caudas com diferentes tamanhos?
- 13 Compreender o aparecimento da leucemia

Música

- 14 Portas Abertas: *Rising Stars*

Exposições

- 18 Francisco Tropa
- 20 Yto Barrada

Ambientes

- 22 Isto é PARTIS



YTO BARRADA, *UNTITLED (AFTER STELLA, ASILAH I)*, 2018 © CORTESIA DA ARTISTA

18-20

Novas exposições

A artista franco-marroquina Yto Barrada e o artista português Francisco Tropa abrem o ano no Museu Calouste Gulbenkian. A partir de **8 de fevereiro**, Yto Barrada apresenta vários trabalhos inspirados na etnóloga francesa Thérèse Rivière, abordando questões como a identidade, a memória e a história. No final do mês, a exposição de Francisco Tropa parte da descoberta de um pirgo em Chaves, enquanto decorriam as escavações arqueológicas de umas termas romanas destruídas por um terramoto, para explorar conceitos como tempo e origem; história e acaso; corpo, jogo e morte.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#206 — FEVEREIRO 2019 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — *RISING STARS*, ANAÍS GAUDEMARD © MIGUEL BUENO / CML — EGEAC / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Uma personalidade “maior que a vida”



ISABEL MOTA © LUÍS MILEU

Com o lançamento, em Lisboa, do livro *O Homem mais Rico do Mundo. As Muitas Vidas de Calouste Gulbenkian*, de Jonathan Conlin, deu-se início às comemorações do 150.º aniversário do “arquiteto de empreendimentos” que deu nome à maior fundação portuguesa.

A obra, como salientou Isabel Mota, presidente da Fundação, “não é isenta de polémica.” E se “em historiografia nunca há versões definitivas”, também “não se poderia esperar algo diferente quando o biografado é uma personalidade ‘maior que a vida.’”

Cento e cinquenta anos após o seu nascimento, prosseguiu, “estou confiante que Calouste Gulbenkian estaria orgulhoso da instituição que todos (...) ajudámos a construir”. Recordando “todos os Presidentes desta instituição que, sem exceção, desde José de Azeredo Perdigão, (...) à sua maneira e em cada momento, souberam dar forma aos desígnios filantrópicos de Calouste Gulbenkian”, salientou: “Sabemos que queria uma Fundação internacional e perpétua com base em Portugal; que tinha uma preocupação com o bem-estar da sociedade; e um grande gosto pela beleza das coisas

e, sobretudo, pela natureza. Estas motivações sempre foram e continuam a ser parte da nossa inspiração permanente.”

Marcelo Rebelo de Sousa, que adiou uma partida para o Panamá para estar presente na cerimónia, manifestou que, enquanto Presidente, “só podia ficar grato por a Fundação ter ficado tão internacional, mas, ao mesmo tempo, tão portuguesa como ficou.” É, garantiu o Presidente, “uma Fundação tão importante para o Mundo mas tão importante também para Portugal.”

As “muitas vidas” de Calouste

Ao apresentar o livro, Jonathan Conlin conta que “para os Gulbenkian, *home* era uma aldeia remota na Anatólia Central, Talas”. Mas em 1927 Calouste já era “um cidadão inglês, residente em França e diplomata iraniano. Também tinha passaportes otomano e arménio. Cada uma destas ligações estava um pouco solta: Gulbenkian nunca visitara o Irão. Não ia à Turquia há quase 30 anos. Também já não vivia no Reino Unido.”



MARTIN ESSAYAN, EDHEM ELDEN, JONATHAN CONLIN, JOOST JONKER, DAVID EKSERDJIAN E JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA © LUÍS MILEU

Em 2015, numa conferência sobre Gulbenkian, Conlin referia “como os *amira* [classe de que Calouste fazia parte] anteciparam o mundo globalizado.” Quando o *paper* foi publicado, dois anos depois, a globalização já “tinha entrado num movimento de reversão. Tanto que, durante um congresso partidário, a atual primeira-ministra britânica, Theresa May, afiançava que ‘Se acredita que é um cidadão do mundo, é um *nowhere man*, um cidadão de parte nenhuma.’” Calouste Gulbenkian podia ser um *nowhere man* mas, como cantava John Lennon, *Nowhere man, the world is at your command* (nowhere man, o mundo está sob os seus comandos). Após a apresentação do livro, foram debatidas, sob moderação de Martin Essayan (bisneto de Calouste), as várias facetas dessa figura que, como refere o título da biografia, teve “muitas vidas” – nos negócios, no mundo das artes, da beneficência, no antigo império otomano, em Paris, Londres e Lisboa. Essa multiplicidade, acredita o professor de História turca e otomana Edhem Elden, advém das origens de Gulbenkian. Oriundo de uma comunidade conservadora e estratificada (onde “muçulmanos e não muçulmanos se misturavam” mas em que “muçulmanos estavam no topo e os restantes num patamar inferior”), Calouste foi também, segundo Elden, “membro de um radar capitalista que a Europa estava a promover – uma combinação muito interessante”. No mundo do petróleo, Gulbenkian soube como poucos identificar onde se produzia o ouro negro

e protegê-lo, contou Joost Jonker, o académico que tem estudado a história financeira e das empresas. Tinha uma “habilidade de negociar de forma muito complexa” mas, diz, não tinha “capacidade de criar e gerir empresas, como [Jean Paul] Getty ou [John Davison] Rockefeller”. Também nas artes, “Calouste Gulbenkian tinha olho, sabia o que era bom”, garantiu David Ekserdjian, o especialista em história do colecionismo que discorda da teoria de que “por se ser rico é fácil comprar boas obras de arte”. Olhando para a coleção do Fundador, o académico nota que Gulbenkian era um homem que “não se limitava no que colecionava”: tinha peças do Médio Oriente, o seu *home territory*, mas também era “incrivelmente brilhante longe de casa”, distinguindo-se dos restantes colecionadores por chegar a áreas tão dispersas quanto a pintura, a cerâmica, o mobiliário, as pratas, as moedas antigas. Por fim, o jornalista José Pedro Castanheira, autor de vários livros, falou do Portugal da década de 50 e do “furo” trazido à luz pelo livro, da detenção de Calouste, em dezembro de 1942. Este facto que, garante, não consta dos Arquivos Oliveira Salazar (que inclui os diários do então Presidente do Conselho) nem dos arquivos da PIDE-DGS ou da Legião Portuguesa, “torna mais enigmática a decisão de Gulbenkian de ficar em Portugal” até 1955, ano da sua morte. As comemorações dos 150 anos do nascimento de Gulbenkian prosseguem com a conferência internacional sobre colecionismo (ver páginas seguintes).

O colecionismo no tempo de Calouste

Nos dias 15 e 16 de fevereiro, especialistas de várias partes do mundo estarão na Fundação Gulbenkian para recordar o que era ser colecionador na primeira metade do século XX.



VISTA DA GALERIA DE PINTURA DO SÉC. XIX, COLEÇÃO DO FUNDADOR © RICARDO OLIVEIRA ALVES

Em 2019, celebram-se não só os 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian, mas também 50 anos desde que os edifícios da Sede e do Museu Calouste Gulbenkian (do qual faz parte a Biblioteca de Arte) abriram as portas ao público. Museu e Biblioteca existem graças às coleções cuidadosamente reunidas por Calouste Gulbenkian, conhecido por procurar “*only the best*”.

Esta conferência procura ir além dos episódios biográficos do colecionador e considerá-lo à luz de um contexto mais alargado. Com seis painéis e uma mesa-redonda em que se reúnem inúmeros convidados nacionais e internacionais,

a conferência prolonga-se ao longo de dois dias. No primeiro dia estará em foco o mundo dos colecionadores, as suas redes de conhecimento e a relação que estabeleciam com as suas coleções, explorando o modo como o seu comportamento reflete o período em que viveram. Jonathan Conlin, Inge Reist (The Frick Collection, Nova Iorque) e Magdalena Bialonowska (Royal Castle in Warsaw – Museum, Varsóvia) são alguns dos convidados que abordarão estes temas.

Já o dia 16 será dedicado ao papel desempenhado pelos museus, os agentes e intermediários e os mercados, com o contributo de convidados como Eloise Donnelly, do British Museum, em Londres, ou Francesco Lovino, do Center for Early Medieval Studies, em Brno, entre muitos outros.

A conferência realiza-se na Sala 1 do Edifício Sede da Fundação. A entrada é livre, sujeita a inscrição prévia para: collecting@gulbenkian.pt. A conferência será em inglês sem tradução simultânea.

Programa em:

gulbenkian.pt/museu/evento/colecionismo-modus-operandi-1900-1950



DIANA, DE JEAN-ANTOINE HOUDON (PARIS, 1780), COLEÇÃO DO FUNDADOR
© RICARDO OLIVEIRA ALVES

Rumo a uma economia circular nas cidades

“A produção linear de alimentos torna impossível uma alimentação saudável” é a conclusão de um estudo da Fundação Ellen MacArthur, que propõe um sistema alimentar circular e regenerativo para as cidades.

A natureza extrativa e poluente da produção moderna de alimentos é atualmente responsável por quase um quarto das emissões globais de gases com efeito de estufa, degrada o solo do qual depende, e contamina o ar e a água.

Até 2050, prevê-se que morram por ano cinco milhões de pessoas devido a fatores originados na produção alimentar industrial – o dobro do número de mortes por obesidade e quatro vezes o número de mortes em acidentes de viação, atualmente. Estes são os dados apresentados a 24 de janeiro pela Fundação Ellen MacArthur no Fórum de Davos, no âmbito do lançamento do relatório *Cities and the Circular Economy for Food*.

Ainda que se procure fazer escolhas alimentares aparentemente saudáveis, a forma como são produzidos os alimentos e as consequências desse processo – a poluição do ar, a contaminação da água, a exposição a pesticidas e o uso excessivo de antibióticos e fertilizantes – tornam a alimentação saudável impossível para as pessoas em todo o mundo. Este relatório oferece uma proposta de sistema alimentar sustentado pelos princípios da economia circular, que promete pôr fim ao desperdício e à poluição.

O papel-chave das cidades: o exemplo do Porto

As cidades têm uma oportunidade única de promover esta transformação, já que até 2050 é nelas que 80 por cento de todos os alimentos devem ser consumidos. Com base no trabalho realizado em Bruxelas, Guelph, Porto e São Paulo, o estudo pretende provar que, independentemente das suas características físicas, demográficas e socioeconómicas, todas podem trabalhar rumo a um mesmo objetivo.

Para o Porto, cidade em que “cerca de 14 mil toneladas de comida são desperdiçadas todos os anos”, o relatório concluiu que a colaboração entre os vários municípios da área metropolitana poderá levar a um melhor aproveitamento dos alimentos, uma vez que “é possível melhorar e expandir ainda mais os programas existentes de prevenção de resíduos alimentares”, como as iniciativas Refood e Fruta Feia.



© D.R.

Mudar para uma economia circular de alimentos significa:

produzir alimentos de forma regenerativa e local, sempre que adequado (e.g., usando fertilizantes orgânicos em vez de sintéticos, empregando a rotação de culturas, promovendo a biodiversidade, etc.); tirar o máximo partido dos alimentos, transformando o desperdício e subprodutos em novos produtos, desde fertilizantes orgânicos e biomateriais até medicamentos e bioenergia; e projetar e comercializar alimentos mais saudáveis.

Se evitar metade do desperdício de produtos comestíveis, a Área Metropolitana do Porto (AMP) poupará mais de 80 milhões de euros, quase 10 milhões dos quais só na cidade do Porto. A redução dos impactos negativos para a saúde causados pela produção e desperdício de alimentos ajudaria também à resolução de problemas como a desnutrição, além de poderem ser evitadas 92,600 toneladas de emissões de gases com efeito de estufa na AMP, com a redução das emissões provenientes da produção de alimentos e do tratamento de resíduos alimentares.

Cities and Circular Economy for Food é um projeto afiliado da World Economic Forum's Platform for Accelerating the Circular Economy (PACE). O relatório foi produzido no âmbito do Projeto Mainstream, uma iniciativa criada pela Ellen MacArthur Foundation e pelo Fórum Económico Mundial para apoiar projetos inovadores baseados na economia circular, e contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, entre muitos outros parceiros e contributos de toda a cadeia de valor.

Apoio à Matemática nos PALOP

Reforçar uma educação de qualidade em Matemática é um dos objetivos da Fundação Gulbenkian para os próximos cinco anos, com iniciativas diferenciadas nos vários países de língua oficial portuguesa.



Esta nova área de apoio quer incentivar os jovens talentosos a atingir o seu potencial, melhorar a formação pós-graduada e a investigação em Matemática, mas também melhorar a articulação desta disciplina com o mercado de trabalho. Em Cabo Verde, a Fundação promove o concurso **Vocações para a Matemática**, inspirado no programa já testado pela Fundação em Portugal – Novos Talentos em Matemática. Este concurso vai distinguir universitários que mostrem mérito académico, estimulando-lhes o gosto, a capacidade e a vocação de pensar e investigar em Matemática e proporcionando a cada bolsheiro a possibilidade de trabalhar durante 10 meses com um investigador sénior. Os dois primeiros “talentos” já foram selecionados e estão a trabalhar com tutores. Este projeto conta com a parceria da Sociedade Portuguesa da Matemática.

Na Guiné-Bissau e em São Tomé e Príncipe, a Fundação vai desenvolver campos não residenciais de 10 dias de atividades educativas que estimulem

o gosto pela Matemática em estudantes do ensino secundário e promovam a autoaprendizagem e o desenvolvimento individual de capacidades matemáticas assentes em conteúdos digitais. Nestes **Campos da Matemática**, também em parceria com a Sociedade Portuguesa de Matemática, serão envolvidos professores locais, criando um grupo de estudo nesta disciplina.

Em Angola, Cabo Verde e Moçambique, a Fundação vai apoiar as primeiras edições de mestrados em Matemática e Aplicações. Trata-se de uma parceria com as Universidades de Coimbra, Aveiro e Porto que vai arrancar em finais de maio. Para docentes e investigadores dos PALOP, a Fundação vai abrir concursos anuais para a realização de estágios científicos avançados de curta duração (cerca de três meses) nas diversas áreas da Matemática, em universidades e centros de investigação portugueses. O objetivo é estabelecer novas parcerias e desenvolver novos estudos, bem como a aplicação à indústria.

Como resposta às necessidades do mercado laboral, o projeto prevê ainda o apoio à criação e implementação de cursos avançados não conferentes de grau, em parceria com empresas e universidades internacionais, em áreas específicas e de rápida progressão tecnológica.

IGC com novo programa de pós-doutoramento

Matemáticos, físicos, químicos, engenheiros, entre outros, são convidados a contribuir com o seu conhecimento para a investigação em ciências da vida.

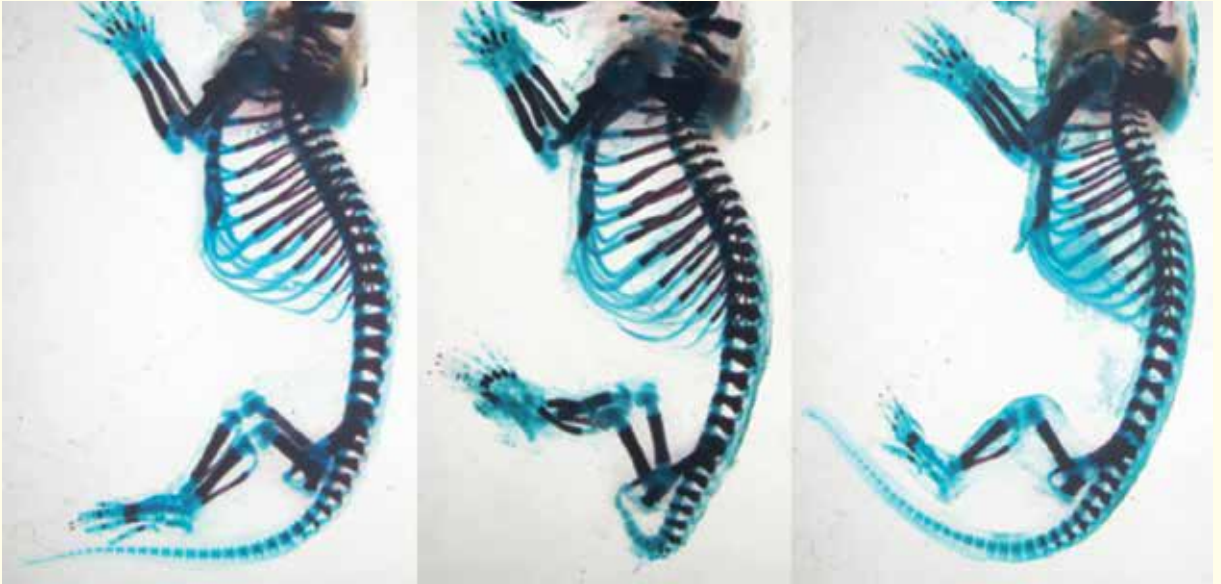
O novo Programa pós-doutoral "Biologia por Números", do Instituto Gulbenkian de Ciência, destina-se a doutorados nas áreas das ciências exatas e Engenharia com curiosidade pelas questões biológicas fundamentais. Os conhecimentos em ciências na vida não são essenciais, pois os investigadores selecionados poderão frequentar cursos avançados que cobrem investigação de ponta em várias áreas da Biologia.

No final das aulas propostas, os investigadores vão desenvolver uma proposta de projeto de investigação a realizar num dos laboratórios do IGC.

Candidaturas abertas até 15 de fevereiro.

Informações: www.pt.igc.gulbenkian.pt/education/pdtraining

Porque é que os animais têm caudas com diferentes tamanhos?



OS ESQUELETOS DE RATINHOS NORMAIS TÊM UMA CAUDA COM 31 VÉRTEBRAS (ESQUERDA), A CAUDA DE RATINHOS EM QUE SE AUMENTOU A ATIVIDADE DO GENE HOXB13 TEM POUCAS VÉRTEBRAS (CENTRO), ENQUANTO QUE A CAUDA DE RATINHOS EM QUE SE AUMENTOU A ATIVIDADE DO GENE LIN28A TEM 36 VÉRTEBRAS (DIREITA). © RITA AIRES, IGC

Num estudo publicado recentemente na revista científica *Developmental Cell*, uma equipa de investigação liderada por Moisés Mallo, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), identificou um conjunto de genes que determina o tamanho da cauda em ratinhos. Os investigadores descobriram que o comprimento da cauda é regulado por um equilíbrio de forças entre os genes *Lin28* (que promovem o crescimento das células percursoras da cauda) e os genes *Hox13* (que param a expansão destas células). Este equilíbrio é regulado por um outro gene, o *Gdf11*. Assim, quando aumentaram a atividade de *Lin28* nos progenitores, os ratinhos tinham caudas mais compridas, mas quando estimularam a atividade dos genes *Hox13*, os ratinhos perderam as caudas. "Ainda que neste trabalho as variações no comprimento da cauda tenham sido obtidas de forma experimental, é possível que o tamanho das caudas em diferentes animais possa resultar de como é estabelecido o equilíbrio entre os genes que controlam o crescimento desta estrutura", conclui Moisés Mallo.

Compreender o aparecimento da leucemia

Uma equipa de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência conseguiu identificar o processo de desenvolvimento de um cancro de sangue raro, que afeta sobretudo as crianças.

É conhecida como “leucemia linfoblástica aguda das células T” e aparece a partir das células precursoras, que produzem os linfócitos T (um tipo de glóbulos brancos). Um novo estudo do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), desenvolvido em ratinhos, mostra que a leucemia pode emergir como consequência do prolongamento da permanência das células precursoras no timo.

Os linfócitos T são essenciais para combater infeções e desenvolvem-se no timo, um órgão situado sobre o coração. Durante o processo, há células precursoras que vêm da medula óssea e entram no timo para se desenvolver e aprender a proteger o nosso organismo. Neste processo, o timo tem uma “linha de montagem” onde muitas destas células iniciam a sua formação, mas são descartadas se não funcionarem bem. O trabalho liderado por Vera Martins mostra que se houver um problema com as células precursoras que vêm da medula óssea, o timo consegue manter sozinho a sua “linha de montagem” durante algum tempo. No entanto, esta função está associada a um risco elevado de desenvolvimento de leucemia linfoblástica aguda das células T.

A equipa do IGC testou em ratinhos diversos fatores genéticos que se sabe estarem envolvidos na formação dos linfócitos T. Os resultados obtidos mostraram que em todas as condições testadas havia uma incidência de 80 por cento deste tipo de leucemia. “O nosso estudo mostra a importância de investigarmos detalhadamente os mecanismos celulares, genéticos e fisiológicos associados ao processo de diferenciação normal das células e abre portas à compreensão de como a leucemia pode aparecer em células que deviam estar a aprender a defender o organismo,” salienta Vera Martins.



© D.R.

Portas Abertas: *Rising Stars*

No dia 10 de fevereiro, jovens estrelas da música europeia apresentam-se num programa que vai ocupar vários espaços da Fundação. É mais uma edição dos Rising Stars num domingo de Portas Abertas.

Os intérpretes, escolhidos pelos diretores da rede europeia de salas de concerto (ECHO) com base na excelência e virtuosismo demonstrados, têm a oportunidade única de tocar em algumas das principais salas de concerto da Europa, apresentando um repertório da sua escolha e também uma nova obra encomendada especificamente para esta edição dos Rising Stars.

Além dos recitais no Grande Auditório, todos de entrada livre, haverá um programa paralelo com momentos lúdicos e educativos, performances musicais, filmes e documentários, em diferentes espaços da Fundação.

O primeiro músico a atuar será o trombonista britânico **Peter Moore** (11h), escolhido pelo Barbican Centre London. Criado numa família de músicos, tornou-se, aos 12 anos, no mais jovem intérprete a vencer uma competição promovida pela BBC. Entrevistado pela ECHO, o músico revelou o seu entusiasmo pela oportunidade de mostrar as potencialidades sonoras de



PETER MOORE © KAUPU KIKKAS



ANAÏS GAUDEMARD © NICOLAS MIGNANI

um instrumento pouco divulgado a solo: o trombone. Neste recital, será acompanhado pelo pianista Jonathan Ware, apresentando peças de várias épocas, muitas das quais transcrições de obras originalmente escritas para outros instrumentos. Dará também a ouvir a obra *When you appear*, inspirada num poema de Pablo Neruda, encomendada a Roxanna Panufnik.

O recital seguinte estará a cargo da harpista **Anaïs Gaudemard** (13h), uma intérprete proposta em conjunto pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Cité de la Musique-Philharmonie de Paris. A instrumentista, que tocou na temporada passada com a Orquestra Gulbenkian, num concerto dirigido por Ton Koopman, tem somado prémios internacionais, com destaque para o Concurso Internacional de Harpa de Israel, em 2012. Diz sentir-se privilegiada e orgulhosa pela escolha e feliz pela oportunidade de se dar a conhecer em várias salas famosas da Europa. Vai tocar obras como *A Cotovia*, de Glinka, *O Moldava*, de Smetana, e também uma nova obra inspirada no quadro *Os Pássaros da Noite* de Edward Hopper, composta por Camille Pépin.

Às 15h, será a vez do **Amatis Piano Trio**, um conjunto nascido em 2014 em Amesterdão, formado pela alemã **Lea Hausmann** (violino), o britânico **Samuel Shepherd** (violoncelo) e o sino-holandês **Mengjie Han** (piano). O percurso notável deste agrupamento, coroado com vários prémios, valeu-lhe um amplo consenso na nomeação para esta edição dos Rising Stars, de instituições como o Festspielhaus Baden-Baden, Konzerthaus Dortmund, Elbphilharmonie Hamburg



AMATIS TRIO © ALLARD WILLEMSE



JOSEP-RAMON OLIVÉ © D.R.

e Kölner Philharmonie. Samuel Shepherd gosta de evidenciar a relação íntima que é estabelecida entre os três membros do grupo e que se reflete na relação criada com o público. Mengjie Han sublinha também a partilha de emoções nos recitais ao vivo e a importância de sentir o *feedback* dessa partilha. Lea Hausman refere-se, com agrado, a esta longa digressão, salientando o facto de o grupo poder atuar em belíssimas salas de concerto. Além de tocar uma obra-prima de Schubert, o Trio com Piano n.º 2, D.929, dará também a ouvir uma nova obra de Andrea Tarrodi, intitulada *Moorlands*.

Não faltará um recital de canto neste pequeno festival recheado de estrelas. O jovem barítono catalão **Josep-Ramon Olivé** (17h) apresentará um aliciente reportório de *Lieder* com canções de Franz Schubert e Gustav Mahler e também uma nova peça da sua compatriota, Raquel García-Tomás. Escolhido pelo L'Auditori Barcelona e pelo Palau de la Música Catalana, Olivé foi o vencedor da Medalha de Ouro do Guildhall School em 2017, tendo, entre outras distinções, sido selecionado para integrar a Academia Jardin des Voix, dirigida por William Christie e Paul Agnew. Olivé afirma que atuar em tantas grandes salas europeias, com públicos diferentes, é muito desafiante e exige uma grande preparação mental.



QUATUOR AROD © RICHARD DUMAS

A fechar este dia de Portas Abertas, sobe ao palco o **Quarteto Arod** (19h), uma formação francesa criada em 2013 e formada por **Jordan Victoria** (violino) **Alexandre Vu** (violino), **Tanguy Parisot** (viola) e **Samy Rachid** (violoncelo), que se projetou depois de ter ganho o prestigiado concurso internacional de Munique (ARD). Proposto pelo Bozar de Bruxelas, os seus membros manifestam alegria e orgulho por fazerem parte do grupo de eleitos desta edição dos Rising Stars, salientando o passo importante que tal representa para a sua carreira. Gostam de apresentar um repertório diversificado e dizem que a ambição de um quarteto é conseguir que os quatro instrumentos sejam um só. Para este recital escolheram um quarteto de Mozart (K. 458) e outro de Beethoven (n.º 9, *Razumovsky*).

Programa completo em gulbenkian.pt

Francisco Tropa, no Espaço Conversas, e Yto Barrada, no Espaço Projeto, são os dois artistas que abrem o ano no Museu Calouste Gulbenkian.

Franciso Tropa *O Pirgo de Chaves*

Francisco Tropa (Lisboa, 1968) apresenta, em colaboração com o arqueólogo Sérgio Carneiro, uma exposição que estabelece um diálogo singular entre escultura contemporânea e arqueologia.

O ponto de partida foi a descoberta, em Chaves, de um extraordinário conjunto de objetos do século IV d.C., no decorrer das escavações arqueológicas de umas termas romanas destruídas por um terramoto. A descoberta serviu de inspiração para este projeto inédito, que pode ser visto na Fundação Gulbenkian a partir de dia 22 deste mês.

Entre os artefactos recolhidos destaca-se uma rara torre em bronze usada para lançar dados, que o artista coloca no centro da exposição. Esta torre, ou pirgo, estava enterrada num local não muito afastado dos esqueletos de duas pessoas que, no momento do desastre, estariam envolvidos num jogo de dados à beira da piscina. Este contexto levou o artista a explorar, nesta exposição, conceitos como tempo e origem (desde logo da própria escultura); história e acaso; corpo, jogo e morte. Juntamente com o pirgo, que será mostrado ao público pela primeira vez, surgem outros objetos relacionados com as atividades do jogo e da escrita, apresentados lado a lado com várias obras de Francisco Tropa realizadas ao longo da última década e, em particular, neste último ano. Vários tabuleiros sugerem palcos ou pequenas arenas para os vários jogos de sorte e de azar que dão o tom a esta mostra. Francisco Tropa é um artista português com um percurso nacional consolidado, iniciado nos anos de 1990. Tem granjeado crescente atenção no circuito internacional, com participações na Bienal de Veneza (2011), Bienal de Istambul (2011), Manifesta (2000), Bienal de Melbourne (1999) e Bienal de São Paulo (1998).

FRANCISCO TROPA **O Pirgo de Chaves**

Curadoria: Sérgio Carneiro e Penelope Curtis
Conversas – Galeria do Piso Inferior e Coleção do Fundador

22 fev – 3 jun 2019



FRANCISCO TROPA, *O PIRGO DE CHAVES* © PEDRO MAIA, ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO, LDA



FRANCISCO TROPA, *O PIRGO DE CHAVES* © PEDRO MAIA, ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO, LDA



FRANCISCO TROPA, *O PIRGO DE CHAVES* © PEDRO MAIA, ARQUEOLOGIA E PATRIMÓNIO, LDA

Yto Barrada

Moi je suis la langue et vous êtes les dents

Nesta exposição, a artista franco-marroquina Yto Barrada (Paris, 1971) apresenta um conjunto de trabalhos, alguns inéditos, onde explora e prossegue o seu interesse pela figura histórica, singular e “trágica” da etnóloga francesa Thérèse Rivière (1901-1970).

A frase que dá título ao projeto – *Moi je suis la langue et vous êtes les dents* (eu sou a língua e vós os dentes) – é um excerto de um dos cadernos de anotações de Thérèse que, entre 1934 e 1936, estudou a etnia berbere Chaouias nas montanhas do Aurès, na Argélia. Os cadernos, desenhos e fotografias que produziu, bem como a coleção de objetos que reuniu e que se centram no quotidiano das mulheres e crianças esquecidas e “silenciadas”, são resgatados por Yto nesta mostra. À trama da História, a artista junta narrativas da sua própria família, tecendo novas relações onde se cruzam os fios das memórias pessoais e coletivas. A obra de Yto toma forma numa ida e volta constante pelos tempos, lugares e artefactos da História, num processo de trabalho que se inicia muitas vezes na coleção de histórias e objetos que, juntos, formam um dialeto poético.

Yto Barrada, que vive e trabalha em Nova Iorque, tem desenvolvido uma obra fortemente marcada pelas narrativas da história e das identidades, sobretudo a marroquina, na sua relação com o passado colonial e pós-colonial, uma geografia onde convergem o Sul e o Este, na sua relação com o Ocidente.



UNTITLED, 2015-2017, SEVEN PHOTOGRAMS © CORTESIA DA ARTISTA

YTO BARRADA

Moi je suis la langue et vous êtes les dents

Curadoria: Rita Fabiana

Espaço Projeto

8 fev – 6 mai 2019

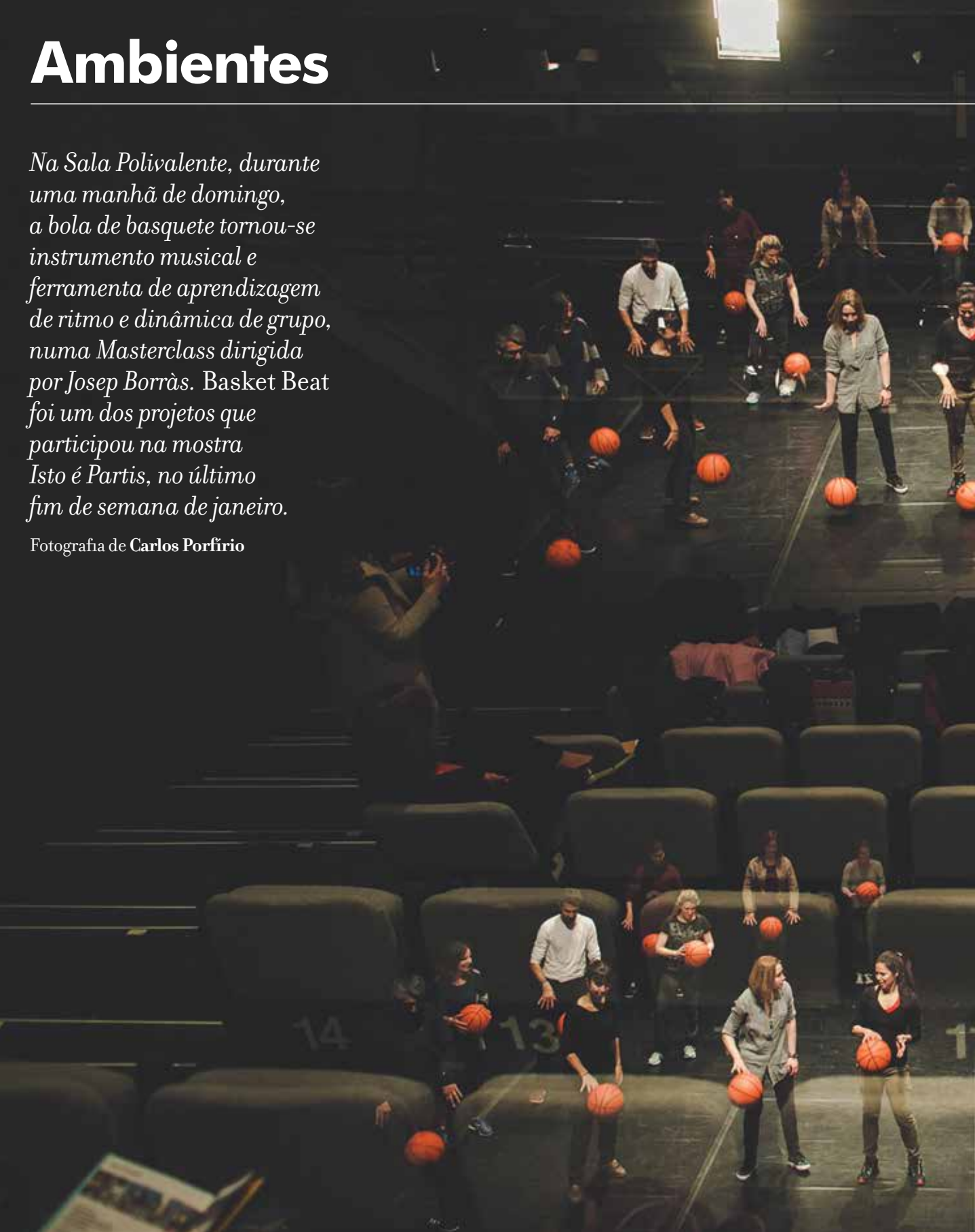


UNTITLED (AFTER STELLA, TANGIER I), 2018 © CORTESIA DA ARTISTA

Ambientes

Na Sala Polivalente, durante uma manhã de domingo, a bola de basquete tornou-se instrumento musical e ferramenta de aprendizagem de ritmo e dinâmica de grupo, numa Masterclass dirigida por Josep Borràs. Basket Beat foi um dos projetos que participou na mostra Isto é Partis, no último fim de semana de janeiro.

Fotografia de **Carlos Porfírio**





GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa